

Resultatividade, ergatividade e tipologia

Uma história em três atos

Marcelo Andrade Leite

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro/Brasil

“The human mind constructs intelligible meanings by continually compressing over vital relations.”

Fauconnier & Turner, 2002:113

1. Introdução

O presente artigo traz as discussões a respeito das construções resultativas e sua relação com a ergatividade assim como uma apresentação preliminar de como a Língua Portuguesa, resguardada por sua idiossincrasia, representa esta resultatividade. Para isso, introduzimos o tema com uma abordagem do que constituem as construções resultativas, a seguir retomamos os conceitos de ergatividade que apoiarão as relações estabelecidas e por fim proporemos que o Português dispõe de recursos próprios ao idioma para representar esta construção gramatical em questão.

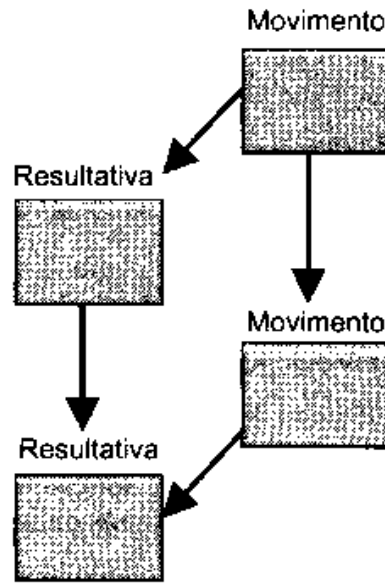
2. Resultatividade e construções resultativas

Para Goldberg (1995), a idéia de resultatividade é uma extensão metafórica da concepção de movimento causado. A construção resultativa codificaria, então, uma mudança metafórica de localização, conforme nos apresenta o diagrama abaixo.

Observe que, segundo a autora, a ligação entre as construções de movimento e resultativa é do tipo I_M^1 e as ligações entre as construções resultativas e resultativas intransitivas são do tipo I_S^2 . Para entendermos melhor essa relação, ilustremos com sentenças em que o movimento causado codifica, metaforicamente, uma mudança de resultado.

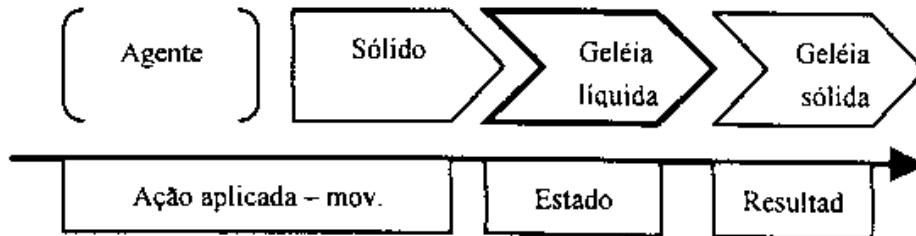
¹ São os denominados *Inheritance Links*, ou ligações de herança. No caso, é uma ligação do tipo metafórica e representa duas construções que se relacionam por um mapeamento metafórico.

² Nessa caso, as ligações são do tipo de sub-parte, ou seja, a construção é a própria sub-parte de uma outra construção e existe de forma independente. (Goldberg (1995:76)



- (1) a. A geléia foi do líquido ao sólido em questão de minutos.
 b. O 'frio' endureceu / solidificou / congelou a geléia (resultativa)
 c. A geléia endureceu / solidificou / congelou (resultativa intransitiva)

É interessante observar que o movimento na resultativa existe, mas é uma forma abstrativa de sua realização. Mantém-se o objeto passível de mudança de estado e o movimento é aplicado à característica que ele recebe. Observe o diagrama com relação ao exemplo 1:



Considera a autora que “a construção resultativa só pode se aplicar a argumentos que, potencialmente (embora não necessariamente), dêem suporte a uma mudança de estado como resultado de uma ação denotada pelo verbo³”.

Dentro de sua explanação sobre resultatividade, destacamos as considerações que nos servirão, posteriormente, no trabalho de pesquisa aqui desenvolvido. Primeiramente, consideremo-la como algo que se aplica aos objetos⁴ de alguns verbos transitivos.

³ The resultative can only apply to arguments that potentially (although not necessarily) undergo a change of state as a result of the action denoted by the verb. Goldberg (1995:180)

⁴ O texto original de Goldberg aponta para os objetos diretos (*direct objects of some transitive verbs*), contudo, observamos que em português esse caso se dá com verbos transitivos indiretos também, como ilustra o seguinte exemplo apresentado: *OMO dá mais branco a sua roupa.*

- (2) a. *I had brushed my hair very smooth.*
 (Ch. Brontë, *Jane Eyre*, 1847 apud Goldberg)
 b. Eu penteei meus cabelos (até ficarem) muito suaves.

Há ainda casos em que atribuímos a resultatividade ao sujeito de uma voz passiva. Isso não quer dizer que todas as formas de sujeito passivo serão vistas como casos de argumentos com características resultativas, pois, já é perceptível que esse fato encontra-se ligado à natureza semântica do verbo⁵ em primeira instância e à construção gramatical em que o mesmo se enquadra.

- (3) a. *The tools were wiped clean.*
 b. As ferramentas foram completamente limpas.

Por fim, considera-se que a resultatividade também se aplica ao sujeito de alguns verbos intransitivos particulares, casos que são freqüentemente associados com a inacusatividade.

- (4) a. *The river frozen solid.*
 b. O rio congelou.

Note-se que, nos casos abaixo, há um paciente que é objeto de ação e que, possui um agente, muitas vezes, entendido como de caráter não-volitivo.

- (5) a. O homem pintou a *casa* (paciente)
 b. O *lago* (paciente) congelou.

Sendo assim, visando a operar com uma teoria que considere a relevância das construções resultativas e a partir de uma abordagem essencialmente construcional, consideremos que a sua existência independentemente de haver nela um verbo dessa natureza, bastando a ele, simplesmente, compartilhar com os mesmos papéis temáticos que o viabilizem com seu item lexical.

Há um ponto restritivo a se ponderar, no estudo das construções resultativas, que é o fato de o adjetivo resultativo denotar o ponto final de uma escala.

Tal afirmativa, ao que nos consta, parece até relativamente óbvia, uma vez que o adjetivo resultativo denota, em um *continuum* o ponto final, ou quase final, de uma escala de mudanças de estado. Observemos a escala proposta:



⁵ Com certeza, os verbos que viabilizam essa realização, ao que tudo indica, são sempre os verbos de natureza ergativa ou que se valham dessa característica em determinadas sentenças.

A mudança de estado é, por si, a variação nesse *continuum*. Há sempre uma característica que é atribuída ao elemento que sofre a alteração, mas essa característica traz consigo a propriedade de, se não inerente, passível de atribuição ao mesmo.

3. A ergatividade

Um equívoco seria atribuir a ergatividade⁶ somente a um tipo de verbo, a uma relação entre verbo e seus elementos subcategorizados, ou mesmo entre ele e seu sujeito. Tal fenômeno, dada sua complexidade natural, apresenta, na língua, múltiplas realizações.

Um fato que nos chamou atenção foi a possibilidade, realizar-se um elemento subcategorizado pelo verbo, em estrutura paralela, como constituinte nominal em posição de sujeito. E esta idéia era compatível com o que percebíamos como algo presente também nas construções resultativas.

Lyons (1968) já observara isso ao considerar que o sujeito de verbos intransitivos ergativos compartilha algumas propriedades com o objeto do verbo transitivo. Podemos observar tal fato em caso como o seguinte:

- (6) a. “Mas quando fui abrir a porta, a chave **quebrou** dentro da fechadura...”
 b. “Mas quando fui abrir a porta, (X) **quebrou** a chave dentro da fechadura...”

O argumento subcategorizado pelo verbo na sentença 2 (a chave) apresenta as mesmas propriedades argumento sujeito da sentença 1, ambos são o TEMA (paciente) de uma ação empreendida por um agente (ou causa) implícito como podemos observar a seguir.

- (7) a. Elias diz a seguinte filosofia: “O estudo *envelhece* o homem”
 b. Elias diz a seguinte filosofia: “O homem *envelhece* por causa do estudo”

Nos exemplos 7.a e 7.b, o *estudo* não é o agente, uma vez que não traz consigo qualquer traço de volitividade, mas nem por isso deixa de ser o elemento que vai causar o envelhecimento, o elemento *detonador* do subevento que vai culminar com o processo *envelhecer*. Há também que se observar que, tanto em 3 como em 4, o *homem* é o argumento TEMA que sofre o processo expresso pelo verbo.

⁶ Consideraremos como a maioria dos autores que ergatividade e inacusatividade são nomenclaturas diferentes para o mesmo fenômeno. Burzio (1984), por exemplo, considera que estes verbos (inacusativos), uma vez que não marcam o papel semântico ao sujeito, também não podem assinalar o caso estrutural de acusativo ao objeto. Por isso, o sintagma nominal deve ser transferido para a posição de sujeito da oração para receber marca de caso através da flexão. E Varó & Linares (1997:592) concluem as observações com a definição de que a singularidade dos verbos inacusativos é a superficialidade de seu sujeito, que, na verdade, são objetos profundos que foram transferidos.

Podemos, então, resumir o funcionamento dos verbos ergativos a essa peculiaridade: a capacidade de permitir ao seu objeto (tema) poder deslocar-se para a posição de sujeito, mas manter o seu papel temático em face da existência de um agente/causador responsável pelo evento perpetrado em si que não é representada pelo verbo, pois, na maioria das vezes, eles não representam ações, mas processos que focam resultado⁷ de uma seqüência de subeventos subjacentes (em fundo) à sentença principal (em figura) conforme vimos nos exemplos supracitados.

Mateus (1983) entende que ergatividade é a propriedade presente na língua de transpor o OD (Objeto) para SU (Sujeito) sem causar danos à estrutura argumental da sentença como, por exemplo, a mudança do papel temático do argumento. Sendo assim, há alguns verbos que nos assomam como passíveis de ocorrência em construções ergativas tais como *abrir, fechar, rolar, cozinhar, queimar iniciar, romper, manchar, acender, quebrar, assar, ferver, fritar, rachar, parar, rasgar, borrar, cair, trancar, afundar, derreter, congelar, ligar, descongelar, lambuzar* entre outros, conforme nos elenca Langacker (1991).

Para o referido autor, todos esses verbos apresentariam um padrão ergativo no qual o papel semântico do sujeito intransitivo iguala-se ao do objeto transitivo. No caso, entendemos que esse papel seria o de TEMA, facultando a um agente/causa expreso, ou não, na sentença a responsabilidade da ação executada e ao TEMA, a posição de paciente da mesma. Conforme veremos adiante.

Mateus (1983:330) considera que os predicados ergativos apresentam a seguinte configuração:

$$\begin{matrix} (P_{\text{ergativo}}: X & O \\ & \text{Pac} \end{matrix} \quad \left[\begin{matrix} (y) \end{matrix} \right]$$

Para a autora, na forma subjacente, x é um argumento interno do predicador, já na forma final x não é um argumento interno do predicador. Conclui a autora que, quando o predicador definido na configuração acima é o predicador principal da oração, X ocorre na posição estrutural de OD na forma subjacente, e na posição estrutural de SU na sua forma final. Observemos os casos abaixo que exemplificam o que nos apresenta Mateus.

Forma final

- 5) "*O rio congelou; o frio estava cortante, mas lhes possibilitou que atravessassem o rio sobre o gelo.*"

⁷ Os verbos ergativos (ou inacusativos) apresentam duas classes bem definidas: os verbos de mudança de estado ou de localização e os verbos de existência ou aparição que, embora distintos entre si, mostram propriedades comuns que os distinguem de outros verbos intransitivos e pelas quais estão integrados dentro da mesma classe sintática. A nós, interessa-nos somente os verbos do primeiro grupo: mudança de estado e localização, já que trabalhamos com estes verbos dentro de perífrases resultativas.

O rio – SU

Forma subjacente

“O Frio (causador) congelou o rio...”

X – (O, Pac.) – argumento interno (TEMA)

A autora entende que, na forma subjacente, X é um argumento interno do predicado, já, em sua forma final, apresenta-se não mais como um argumento interno deste e conclui que, quando o predicador definido de forma que X seja o argumento interno dele, X ocorre na posição estrutura de OD, e na posição SU na forma final.

Dessa forma, destacamos que o que caracteriza as construções ergativas (assim como as passivas) é o fato de haver um argumento com proeminência sintático-semântica que participa no estado das coisas descrito, mas não tem qualquer intervenção ativa neste, ou seja, opera como um argumento sem qualquer grau de agentividade.⁸

LANGACKER mostra-nos que, em sentenças ergativas, o argumento objeto ou paciente é o único argumento do predicador a que se pode atribuir proeminência sintático-semântica. Em sua explanação, o autor chama-nos a atenção para a marcação de casos, recurso segundo o qual torna possível distinguir os participantes de uma sentença assinalando seus papéis semânticos ou relações gramaticais.

Para o referido o autor, padrões ergativos e acusativos competem, mas é comum haver a idéia de estruturas subliminares a ergativas. Essa subliminaridade presente nos padrões ergativos baseia-se num aspecto fundamental da organização lingüística que é a disposição em camadas⁹ e as relações de dependência e autonomia.

Nesse tipo de configuração, observamos uma tendência natural para que o componente A (Autônomo) se torne mais “pesado” do que o componente D (dependente), no sentido de que o seu conteúdo semântico e/ou fonológico é mais extensivo, específico e concreto. Além disso, constatamos que D requer o suporte de A para sua implementação completa, ao passo que A ocorre independentemente. Dessa forma, a distribuição em camadas A/D é inerente a estruturas dos eventos concebidos em construções ergativas na língua.

(T) – O VIDRO

Evento autônomo (A)

E₁ – quebrar → (quebrar o vidro) → (E₁ (T))

Evento dependente (D)

E₂ – ‘atingir’ → (atingir/quebrar o vidro) → (E₂ (E₁ (T)))

E₃ – ‘movimentar’ → (movimentar/atingir/quebrar o vidro) → (E₃ (E₂ (E₁ (T))))

⁸ Até porque enfatizamos aqui que os verbos que os subcategorizam são verbos de natureza muito mais processual do que agentiva. Focam o resultado e pressupõe a sua realização uma cadeia de eventos causativos subliminares a ele.

⁹ Quando um componente autônomo, A, elabora um componente dependente, a fim de formar uma estrutura autônoma em uma ordem mais alta, (D(A) (Langacker (1991:386)

A camada A (autônoma e mais interna) é identificada com a relação temática e D (qualquer camada) como um componente de evento envolvendo causação ou gasto de energia.

José quebrou o vidro (Causativa)¹⁰

O vidro quebrou (Ergativa)

A: (a quebra do vidro)

D: (José quebrou o vidro)

LANGACKER considera que, nesses casos, D contribui com um participante codificado pelo sujeito transitivo, enquanto A também introduz um sujeito transitivo ou objeto transitivo (o vidro quebrou / quebrou o vidro).

Ao que tudo indica, neste domínio, os componentes dependentes e autônomos diferem em peso e potencial para ocorrência independente e a distribuição da ergatividade de alguma forma se relaciona a esses fatores.

Já no âmbito semântico, A descreve razoavelmente um processo temático específico e com freqüência nos oferece informações substanciais sobre o tema. Em outras palavras, fornece-nos a informação de que somente algumas entidades são capazes de abrir, derreter, incendiar, ferver, etc.

Por outro lado, D é esquemático, na medida em que se encontra inserido dentro de um esquema com hierarquia e relações de interdependência, e abstrato, uma vez que traz consigo sempre uma ação e não um resultado necessariamente, por comparação. O conteúdo em D limitado à idéia de causação tem seu participante introduzido como fonte de energia.

Em uma expressão como *X derrete Y*, são-nos oferecidas muito mais informações sobre Y¹¹ do que sobre X. A idéia de derreter pressupõe a mudança de estado de sólido para líquido, logo, Y, deve ser por excelência, sólido para que tal evento se processe de forma efetiva sobre ele. Por outro lado, X apresenta diversas possibilidades de realização. Poderíamos entender uma caracterização que cobrisse todas essas possibilidades associando a um esquema pré-concebido de nome-classe, mas isso, ainda assim, diria pouco sobre quem é X. A única informação que temos que caracterizaria X é o fato de ele se associar, direta ou indiretamente, ao calor, uma vez que esse é a entidade básica/mediadora da mudança de estado aplicada a Y.

¹⁰ Embora essa sentença tenha a denominação de causativa, na verdade, não é. O *Quebrar* não é causativo, mas sim as ações depreensíveis ao evento autônomo que ele representa, uma vez que tem o seu agente/causa expresso em posição tópica de sujeito. Observemos que, quando o omitimos, a construção é legitimamente resultativa. O que se tem então é um alternado jogo discursivo de figura e fundo.

¹¹ Na verdade, o que observamos é a presença de um *continuum* de informação previsto na língua. Ou seja, o que ocorre é a orientação no sentido de qual característica se sobressai quando focamos o item subcategorizado pelo verbo. Quando usamos um verbo como *beber*, focamos a característica "líquido" de OD, em contraste ao uso de verbo *comer* que foca a característica "sólido". O elemento subcategorizado do verbo transitivo tem inúmeros aspectos semânticos possíveis de serem acessados pelo falante da língua, mas o verbo orienta o foco sobre essas características especificamente.

“X precisa somente ser concebido como tendo algumas associações com calor. Esta pode ser física ou abstrata, e uma entidade física pode ser sólida, líquida ou gasosa: O {forno / candelabro / sol / fogo / calor / alta temperatura/ fluido descongelante / vapor} derreteu o gelo. Se X é uma pessoa seu envolvimento pode ou não ser agentivo, e o que ele, na verdade, faz para causar determinado efeito é altamente variável: Fred derreteu o gelo {colocando-o no forno / direcionando o lança-chamas para ele / acidentalmente derrubando num local onde havia fogo / prendendo-o na boca / falhando ao bloquear o sol}. Não é nem mesmo necessário que uma associação com calor seja intrínseca para a caracterização de X: O martelo derreteu o gelo quando o aquecemos e colocamos os dois em contato.”¹²

Langacker (1991:387)

Dessa forma, X pode ser qualquer coisa que se associe, de alguma forma, a calor (o forno, o candelabro, o sol, o fluido descongelante...) que ele derreterá o gelo. E concluímos esse raciocínio destacando que, assim, A (o evento absoluto – *o gelo derreteu*) é muito mais rico em informações de conteúdo semântico do que D (o evento dependente – X fez com que..., por exemplo), uma vez que eu não sei quem é X ao certo e menos ainda o que fez X para que o gelo derretesse. Ou seja, não possui informações semânticas suficientes para que pudéssemos utilizá-lo independentemente.

Por fim, damos conclusão às discussões sobre ergatividade com as observações de Keenan (1984) e Langacker (1991) com a relação à restrição dos papéis temáticos dos elementos subcategorizados pelos verbos. Para Keenan, Alguns papéis temáticos são mais comumente associados com sujeitos intransitivos e objetos transitivos do que com sujeitos transitivos. Para tal observação, o autor destaca-nos os exemplos de *quebrar e rolar*, o primeiro associado ao papel temático de ‘paciente’ e o segundo ao de ‘movimento’ (que não deixa de ser uma relação de paciente de uma ação empreendida)

O vidro quebrou.

José quebrou o vidro.

A bola rolou.

Ele rolou a bola.

¹² ‘X need only be conceived as having some association with heat. It may be physical or abstract, and a physical entity can be solid, liquid, or gaseous: *The {oven/candle/sun/fire/heat/high temperature/de-icing fluid/steam} melted the ice.* If X is a person, his movement, may or may not be agentive, and what we actually does to effect is highly variable: *Fred melted the ice by {putting in the oven/aiming a flamethrower at it/accidentally dropping into the fire sitting on it/ holding it in his mouth/failing to block the sun}*. It is not even necessary that an association with be intrinsic to X’s characterization: *The hammer melted the ice when we heated it and put the two in contact.*

Para o referido autor, a escolha do tema é mais provável do que a escolha de um sujeito transitivo para dar relevo às diferenças substanciais de sentido suficiente para caracterizá-lo com um significado próprio. A partir daí, observamos que ocorre um processo de seleção a partir do verbo que restringe o papel temático dos seus participantes e altera seu sentido com base na seleção que é feita.

A relação que se estabelece é de natureza recíproca, uma vez que a seleção do papel temático de seu complemento implica a mudança de sentido do verbo e a mudança é decorrente da natureza do papel temático selecionado.

Na resultatividade, os falantes acessam o caminho cujo ponto de partida é o tema, quer dizer, o participante evocou como parte de uma predicação processual, conceitualmente, um núcleo autônomo. (Langacker, 1991).

4. Propondo uma tipologia resultativa para o português

A princípio, podemos observar que a configuração de evento nas sentenças ergativas apresentada por Langacker é adaptável à configuração das construções resultativas quando a questão em análise são seus eventos componentes.

$(T) > (E_1 (T)) > (E_2 (E_1 (T)))$

O rio congelou.

(T) – o rio

E₁ – a água do rio muda de estado físico.

E₂ – a baixa temperatura age sobre a água do rio

Representação resultativa

Sem.	TORNAR	<pac.	resultado/objetivo>
R. Instância/ Significado	PRED	<	>
Sint.	V	SUJ.	SUJ. (modificado)
	CONGELAR	O rio	rio (congelado)

Entretanto, na configuração apresentada pela gramática de construções, dá-se foco a questão da resultatividade, enquanto que em Langacker, representa-se a relação de camadas de eventos que subjazem ao evento focado, a mudança de estado do TEMA afetado.

Consideramos também que, para ilustrarmos melhor a relação existente entre ergatividade e resultatividade, seria interessante destacarmos que Goldberg aponta-nos casos como *the river frozen solid*, uma típica situação de ergatividade como sendo representantes da resultatividade.

Dessa forma, é possível admitir que o objeto subcategorizado pelo verbo no caso dos ergativos traz consigo propriedades que os tornam passíveis de mudança de estado e que, independentemente de sua posição na sentença, ele as mantém. É possível se imaginar, então, a possibilidade de se criar uma testagem na identificação de um tipo de resultatividade com base nas características apresentadas por um verbo de natureza ergativa. Por exemplo:

- (8) a. *A mulher amaciou o cabelo com Xampu novo.*
 b. *O cabelo amaciou com o novo Xampu novo.*

O verbo *amaciar* apresenta um comportamento ergativo que o torna compatível com a construção resultativa do tipo *X faz com que Y se torne Z*. Em inglês, os elementos que indicam a mudança de resultado vêm expressos por AP ou PP, mas em português, o que se observa é que o falante tende à lexicalização do substantivo ou do adjetivo na forma do verbo, sendo este último mais freqüente do que o primeiro.

- (9) *I had brush my hair very smooth*
 (10) *Eu pentei meus cabelos muitos lisos**
 (11) *Eu alisei meus cabelos.*

A sentença 9 em Inglês não aceita a tradução feita em 10. A estrutura em nossa língua correspondente a que o falante deseja expressar é “*Eu pentei meus cabelos fazendo-os ficar lisos*”. Como se vê, não há uma representação da resultatividade em português da mesma maneira que há em inglês. Precisamos de duas sentenças para expressar o que eles dão conta em uma só com a inserção do AP/PP ao final. Já em 11, observamos o que ocorre com mais freqüência em Português e a que dedicaremos nossa atenção no trabalho aqui apresentado.

Seguindo a natureza do princípio de economia expressional pertinente à língua, consideramos que o nosso idioma dispõe de recursos próprios e que apresentaremos aqui brevemente.

Se não temos a possibilidade de inserir o AP/PP com a mesma freqüência que o fazem falantes do Inglês, fazemos com freqüência a lexicalização do AP na forma do verbo principal como nos exemplos abaixo:

- (12) *Maria clareou a blusa* (AP = claro, resultado)
 (13) *Ana alisou o cabelo* (AP = liso, resultado)

Veja que o que a representação de AP em Português, encontra-se nas formas dos verbos clarear (tornar *claro* (AP) e alisar (tornar *liso* (AP)). Podemos admitir que o Português dispõe de uma maneira peculiar de representar essas construções.

Ainda dentro destes casos de adjetivos, podemos destacar dois grupos de mudanças de estado: as de caráter volitivo, como as que apresentamos acima e as de caráter não volitivo que, como expressa o próprio nome, não dependem da vontade do agente responsável envolvido no processo.

(14) “*O estudo envelhece o homem*” (AP – Velho, result.)

(15) “*a fruta apodrece, dando vez às formigas...*” (AP – Podre, result.)

Tanto *apodrecer* como *envelhecer* são verbos que apontam processos decorrente mais do tempo envolvido do que necessariamente do alguma ação como subevento que o viabiliza. Podemos, de fato, falar de um processo de envelhecimento aplica do X sobre Y, mas certamente, não se trata de tornar velho, mas de dar aparência de velho, *envelhecer* mesmo é um atributo somente do tempo.

Há ainda casos em que se dá a lexicalização do NP no verbo.

(16) “*Maria congelou o frango.*” (NP – gelo)

(17) “*um dia a bola furo no arame...*” (NP – furo)

(18) *o vidro despedaçou-se*¹³ (NP – pedaço)

O argumento TEMA aqui se difere por haver sido representado pelo acréscimo de uma mudança de estado representada não por um adjetivo aplicado ao tema, mas por um substantivo que carrega essa característica como *gelo, furo, pedaço*. Entretanto, admite-se a paráfrase com formas adjetivais como *gelado, furado, despedaçado*, o que comprova que estes estados ao aplicados ao TEMA, mas que neste caso não são representados por AP.

Outro fenômeno é a lexicalização do PP, na maioria das vezes, expresso através de um instrumento.

(19) *Ele aplainou a peça de madeira. (plano)* (sem AP/NP/PP – inst. PLAINA)

(20) *A peça não lixava de jeito nenhum. (liso)* (sem AP/NP/PP – inst. LIXA)

O que observamos é que além das construções resultativas com AP/PP, voz passiva, e inacusatividade, dispomos no idioma de uma forma de representação com base na lexicalização de elementos como AP, NP e PP nas formas verbais.

5. Conclusão

A Língua Portuguesa, em sua idiossincrasia, resguarda uma maneira própria de representar a resultatividade, casos como o de voz passiva e da ergatividade podem ser emparelhados com as representações do Inglês, mas quando a questão é a representação do AP e PP na sentença, vemos que nosso idioma opta por lexicalizar o resultado na forma do verbo conforme vimos nos casos apresentados.

Dessa forma, o Português lexicalizaria adjetivos indicando a mudança de resultado, assim como substantivos e sintagmas preposicionais que expressão instrumento envolvidos neste processo.

¹³ O exemplo apresentado por GOLDBERG (*it broke apart*) poderia ser traduzido em português como “ele quebrou em pedaços (PP)” ou pela paráfrase apresentada neste exemplo.

Outro fator constatado nesse breve estudo foi o de que entre resultatividade e ergatividade há uma estreita ligação em função da similaridade na configuração das relações de subevento.

6. Referências Bibliográficas

- CARRIER, Jill & Randall, Janet H. (1992) The Argument Structure And Syntactic structure of resultative. *Linguistic Inquiry* 23:173-234.
- DIXON, Robert M. W. (1998) *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press.
- FAUCONNIER, J. & Turner, M. (2002). *The Way We Think. Conceptual Blending and the Mind's Hidden Complexities*. New York : Basic Books.
- FILLMORE, Charles et al. (1990) *Construction Grammar*. University of Berkeley, California.
- GOLDBERG, Adele. (1995) *Constructions. A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago.
- LANGACKER, Ronald W. (1991) *Foundation of Cognitive Grammar – Descriptive Application – Volume II*. Stanford: Stanford University Press.
- MATEUS, Maria Helena Mira, Brito, Ana Maria, Duarte, Inês Silva & Faria, Isabel Hub. (1983) *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra –Almedina. p. 340-341.
- NAVES, Rozana Reigota. (2003) *A questão da co-referência entre sujeito e objeto nos predicados psicológicos: causatividade vs. resultatividade*. UCB. Brasília.
- RAPPAPORT Hovav, Malka & Levin, Beth. (1991) *Is there any evidence of deep unaccusative in English? An analyses of resultative construction*. Ms. inédito. Bar Ilan University – Northwestern University.